

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2330

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 7 DE JULHO DE 1926

A ESPADA CONTRA A PENA

A nova Lei de Imprensa, promulgada quando a censura nos amordaça, é atentatória da livre expressão do pensamento

Insistimos em manifestar o nosso mais profundo desprêzo pelo actual ministro da Justiça. E' um adversário—mas um adversário que nos ataca quando estamos manietados de pés e mãos pela censura militar. E' pois um adversário indigno da nossa lealdade, da nossa firmeza de opiniões e da coragem serena com que sempre afrontámos todos os ministeriais ou não. Temos, nesta casa, por única arma a pena, uma modesta caneta de cinquenta centavos que exprime os ideais e as revoltas, as aspirações e os interesses de classes que são mais necessárias à vida social do que aquelas que o sr. Manuel Rodrigues Júnior está servindo. Essa arma devia ser respeitada por quem tem a sua vida, apoiando e defendendo suas draconianas medidas, toda a guarda republicana do quartel do Carmo, toda a policia do governo civil e a tropa, a postos, concentrada no pitoresco bivaque de Sacavém que ameaça eternizar-se.

O ministro da Justiça, que era ontem uma pessoa culta e inofensiva vivia no mais completo anonimato: fora das aulas de Direito, ninguém o conhecia—e nós a-pesar-da nossa profissional perspicacia estávamos longe de supor que havia um ilustre desconhecido capaz de ambicionar bater o recôrdo da impopularidade que até aqui cabia ao antigo senhor de Alcáide, João Franco, que foi senhor do país, deixando como obra dois cadáveres: o do rei Carlos e o do seu filho mais velho.

O nosso instinto diz-nos que muitas vezes o verme é mais perigoso do que a fera. Neste caso, o nosso instinto não nos iludiu.

Deixemos, porém, em paz o homem—Mais tarde, quando estivermos libertos do colete de forças da censura provaremos ao ministro da Justiça—se ele não tiver desaparecido no anonimato em que viveu—que não receamos as medidas violentas da sua famigeradíssima lei de imprensa com que supoz amordaçar-nos e acobardar-nos.

Há uma disposição da lei da imprensa que liberta os directores de jornais da responsabilidade de qualquer escrito incriminado, mas que os coloca, por outro lado, na situação de cúmplices.

Outra disposição estabelece multas de 4 e 5 contos para os jornalistas que sejam, por delito de imprensa, condenados na Boa Hora. Essa multa, além de representar uma violência incomportável com os seus recursos, constitui ainda uma zombaria à sua pobreza que não pode ser ignorada. As multas que são aplicadas à Moagem, a essa Moagem que faz, por dia uma fortuna, não excedem cem contos, o que o ministro da Justiça parece com a sua atitude, ser incapaz elevada multa de cinco contos aplicada aos jornalistas que supõe que estes vivem na situação económica da Moagem—e que esta se encontra na penúria dos jornalistas. Isto, em resumo, seria uma trapalhada se o equívoco do ministro da Justiça não fosse intencional—e não visasse a transformar os jornalistas em penitenciaristas.

A prisão preventiva está decretada pela lei. Por essa lei scelerada basta invocar o pretexto de que se publicou uma notícia alarmante para a ordem pública, para as redacções serem invadidas pela policia e os directores e redactores ficarem sob prisão, aguardando que um júri os persiga com a mesma ferocidade com que a república da posse do Estado persegue a república em todas as leis, em todos os costumes, em todos os espíritos onde ela se manifesta.

Mas, ainda hoje iniciámos os nossos comentários... amanhã, demonstraremos cabalmente aos nossos leitores que a lei de imprensa visa a suprimir a imprensa—a imprensa que não está vendida à Moagem, e à companhia de Jesus ou enfiada ao Terreiro do Paço.



NOTAS & COMENTARIOS

A imortal vencedora

O sr. Arminio Monteiro, pessoa grada da Moagem, foi nomeado vogal da comissão da divida de guerra à Grã-Bretanha. A Moagem vem com a nomeação daquelle seu muito dilecto afilhado e cumpre provar que é um Estado dentro do Estado, em todas as situações políticas. A influência sempre crescente daquelle potentado demonstra cabalmente que os salvadores da pátria não desdenham de enfiar-se na lucrativa amizade da empresa que descobriu no lixo o succedâneo do trigo para o fabrico do pão...

União Nacional

Em Espanha fundou-se para manter politicamente a ditadura de Primo de Rivera um partido intitulado União Nacional. Esse partido fracassou, completamente, por falta de adesões. O espírito simiesco de certos intelectuais ratos desta terra não podia deixar de aproveitar aquella ideia maldita. Já está fundada, entre nós, a União Nacional. Dela fazem parte as numerosas e abundantes pessoas dos monárquicos integralistas Martinho Nobre de Melo e Pequito Rebelo, o despoitado e ambicioso Trindade Coelho que aderiria a Sata-naz se este lhe desse a almejada legação e os «radicais»—fascistas Albino Vieira da Rocha e Lacerda de Almeida. Esta União Patriótica pode servir para empregar estes senhores—mas nunca conseguirá conquistar adesões que permitam das pessoas sensatas tomá-la a sério. A União Patriótica é sem última análise, a união dos estômago, o «Salar dos Barregas» da situação.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma colecção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha. A revolução Social e o Sindicalismo. Por Arkínoff. Preço 1\$50.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulada O outro amor de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Salvação

Do nosso correspondente em Lamego, Aarão Ferreira, recebemos uma carta saudando a BATALHA e a organização operária.

Talvez, assim...

LONDRES, 6.—Afirma-se que o governo inglês tenciona enviar uma mulher como representante da Inglaterra à próxima assembleia geral da Sociedade das Nações, que se realiza em Setembro. O nome da delegada ainda não foi tornado público.



Circular n.º 59

Confederação Geral do Trabalho

Calçada do Combro, 38-A, 2.º—Lisboa—Portugal

A todos os organismos sindicais

Caros camaradas:—A burguesia norte-americana, representada nos juizes do Estado de Massachusetts, acaba de legalizar um dos grandes crimes—crime tão bárbaro e sanguinário como o que cometeu com os mártires de Chicago por motivo do movimento do 1.º de Maio de 1886.

Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, caíram na rede lançada pela burguesia norte-americana, que não perdoa aqueles que, possuídos dos mais generosos sentimentos, se entregam com toda a alma à causa dos oprimidos, dando à mesma toda a pujança do seu talento e todo o entusiasmo da sua fé.

Há seis anos que aqueles dois camaradas são martirizados nas prisões, sob a acusação dum crime que outrem cometeu. Seis anos de debates, de protestos e de reclamações não conseguiram demover a reacção da burguesia americana.

E como haviam de comovê-la, se, como no célebre processo de Chicago (1886-1887) se compraram juizes, a policia, testemunhas, etc., unicamente com o fim de arrancar a vida a Sacco e Vanzetti?

As manifestações de solidariedade do proletariado americano, secundado pelo proletariado de todo o mundo, conseguiram apenas por momentos evitar que Sacco e Vanzetti fossem levados à trágica cadeira eléctrica.

Forçando os juizes a fazer subir o processo ao Tribunal Supremo do Estado de Massachusetts para que fosse determinada a sua revisão, aquele tribunal fez caso omisso dessas manifestações e não só não ordenou que a revisão do processo se fizesse, como acaba por confirmar a sentença de morte.

Tal decisão é uma afronta à Verdade e à Justiça! É uma afronta à Consciência Humana!

Sacco e Vanzetti estão inocentes do crime de que os acusaram. Assim o demonstram centenas de testemunhas, assim o clamam altisonantemente escritores e mesmo homens de ciência e da Lei.

Que estão inocentes proclamam-no os seus defensores, que pretendiam na revisão do processo provar quem foi o autor do

delito imputado a Sacco e Vanzetti e pelo qual os condenaram à morte.

Mas a burguesia norte-americana, que tem sede de sangue e de vingança fez pressão para que tal revisão não fosse feita e pretende que as execuções se façam rapidamente, abafando assim a voz da Justiça e da Verdade.

O proletariado americano agita-se neste momento contra esse crime legal e iníquo. No mesmo sentido e clamorosamente se agita o proletariado consciente dos demais países do mundo.

E o proletariado português? Deveria conservar-se estranho a esse justíssimo movimento de solidariedade?

Não! Sempre o proletariado português palpitou de fremento revolta contra a injustiça governamental e reaccionária que quer e contra quem quer que fosse cometida, sobretudo tratando-se de trabalhadores, irmãos nossos, aos quais a burguesia não perdoa o delito de defender e pugnar pelo Pão e pela Liberdade de todos os explorados e oprimidos.

A Confederação Geral do Trabalho assim o compreende e, por isso, resolveu tornar esta questão conhecida de todos os organismos sindicais portugueses.

É necessário que cada organismo agite, urgentemente, esta questão no seio de cada classe, por todos os meios usuais, mas especialmente em sessões magnas de classe.

Em cada uma dessas sessões deverão ser aprovados protestos, correctos mas energéticos, fazendo-os chegar aos consulados norte-americanos de cada localidade e destinando ao governo dos Estados Unidos da América do Norte, para que este seja forçado a suspender a execução de Sacco e Vanzetti e os submeta a novo julgamento no qual possam ser considerados inteiramente os testemunhos evidentes e irrefragáveis da sua inocência.

Pela vida e pela liberdade dos mártires Sacco e Vanzetti, deve ser, neste momento, o grito de todo o proletariado!

Lisboa, 6 de Julho de 1926.

O Comité Confederal

Uma página de história da república de São Salvador

São Salvador é uma pequenina república situada nos confins da América Central. Lindo jardim à beira-mar plantado, olhando o Pacífico. A sua história tem páginas gloriosas, escritas com o sangue dos seus guerreiros, ilustradas com o génio dos seus estadistas. Não sempre amada e valorosa, escapa à vista desarmada de qualquer curioso turista dos mapas coloridos.

E, como sucede a todas as nações de gloriosa história, São Salvador debatia-se em permanente desventura.

Os políticos viviam da corrupção, e iam deixando o país sem caminhos de ferro, sem marinha mercante, sem comunicações, sem industria, sem instrução, sem moeda—e sem governo.

A farandulagem invadira a pobre república, tão interessante e tão brilhante, e dela fizera como que um acampamento de azteques. Tudo se perdia: moral, saber, riqueza. Decaim as classes sociais, uma vez desaparecida, de sob o jugo demagógico, a fulgurante aristocracia. E só o exército se mostrava o penhor da dignidade nacional; a inteligência dos seus capitães brilhava tanto como brilhavam os seus galões.

Um dia, porém, o general Fausto, que muito se distinguira na guerra da independência, numa época em que se desencadeava uma conflagração que expulsava, de palmo a palmo, o odioso estrangeiro, desembarcou a sua espada brilhante e clamou aos capitães:

—Não queiramos que S. Salvador seja a República de Santa Perdida!

E, com o exército, derrubou o governo de políticos e proclamou um governo de generais. Voltou a normalidade, restabeleceu-se a honra nacional, e iniciou-se uma notável obra de rejuvenescimento patrio.

E, por isso, o general Fausto se tornou o ídolo do povo, que o aclamava sempre que o via passar escoltado por luzidos cadetes de cavalaria. Uma vez, até, se produziu uma calorosa manifestação de apreço popular, quando o inesquecível herói se foi a um cabaleiro do bairro Trindade—o bairro elegante da capital—recompr seu toupet—um toupet que se tornara o símbolo da moralidade. E, como o jornalista norte-americano Ricardo, que atravessava, então, a pé, o aguerido e valoroso país, inquirisse do que se passava, um popular lhe respondeu com desconfiança:

—É o nosso presidente que foi cortar o cabelo que não é seu!

Nesta frase se nota o cuidado que havia de não confiar a ninguém, ainda menos a estrangeiros odiados, como o norte-americano, os segredos do Estado de São Salvador, actualmente em caminho da prosperidade e da salvação nacional.

(Trad. do jornal americano Telegraph Notice, de Horn, 15 de Janeiro de 1923.)

A GREVE NAS DOÇAS BELGAS

ANVERS, 6.—A greve dos trabalhadores das docas começa a fazer sentir os seus efeitos. Alguns paquetes que deviam ter já saído, não o têm podido fazer. Recusa-se, além disso, que o movimento se estenda a outras classes.

A ordem pela tropa...

BERLIM, 6.—Segundo o «Chicago Tribune» rebenbut uma revolução militar em Khorashan, distrito da Pérsia, tendo grande parte das tropas governamentais aderido aos insurrectos.

O padre Monet, autor duma tragédia conjugal e da desventura de um operário

Na desenvolvida campanha que há tempos fizemos contra as congregações e as escolas a elas pertencentes referimos a história sucinta de D. Maria das Dores, vigilante do Instituto Profissional Feminino, propriedade da Ordem de São Vicente de Paula. Referimos que esta senhora foi durante muitos anos confessada do padre Monet, da igreja de São Luís, e que este por seus perversos conselhos lhe introduziu a desarmonia no lar, arrastando-a, depois, com êxito, a abandonar o marido.

D. Maria das Dores, depois de, sem motivo plausível, ter abandonado seu marido, passou a ser duma espantosa dedicação pelo seu confessor—dedicação que a levava a esfregar a casa e a tratar gratuitamente da roupa íntima do padre Monet—chegando a levar para casa d'ele algumas do colégio congregacionista de Santa Maria, a fim de a ajudarem nessas tarefas caseiras.

O marido de D. Maria das Dores, que nutria por ela uma amizade e uma estima profundas e inquebrantáveis, não se conformou com o inexplicável abandono de sua mulher, chegando a procurá-la muitas vezes a fim de a convencer a modificar a sua atitude. D. Maria das Dores, porém, obcecada pelos conselhos do seu confessor não accedeu aos desejos expressos por seu marido. Um dia, este, no auge do exaspero, agrediu-a no Campo Pequeno, pelo que foi parar à cadeia.

Foi lá dias julgado. O representante do ministério público, de acordo com o advogado de Angelino Claro, operário canteiro, assim se chama o marido de D. Maria Dores, requerer que elle fosse dado como irresponsável. O tribunal assim o resolveu pelo que o marido de D. Maria Dores viu ser internado no Manicômio Bombarda. Os católicos pregam a indissolubilidade do matrimónio, sendo contrários ao divórcio. Aqui têm os leitores uma amostra do que valem, em sinceridade e em factos, essas suas pregações.

Angelino Claro era um operário bem comportado e conta cerca de 50 anos. Só o padre Monet, roubando-lhe sua mulher, o arrastaria a um acto de exaspero que o levou à cadeia e o levará ao manicômio se os peritos medicos deliberarem considerá-lo privado das suas faculdades mentais.

Os que têm o seu lar bem edificado que meditem neste exemplo e que evitem a influência dos padres em suas mulheres, sem usar de violências escusáveis.

Voltamos a protestar!

A policia vê com maus olhos, não sabe a gente porque, o órgão do governo. Ontem lá voltou à carga dos raros exemplares que se vendiam na Baixa. A Revolução Nacional vem fadada para o martirio do jornalismo de combate. Além do regime de censura e da nova lei de imprensa, a que estão sujeitos todos os jornais, o órgão da situação, duas vezes, já, foi apreendido, como se não bastasse ter mudado três vezes de direcção. Tudo isto, em catorze dias de publicação. Acha-mos violenta a perseguição acinosa que se vem fazendo ao jornal defensor da situação, perseguição que, em nosso entender, se torna tão violenta e inútil como a linguagem do jornal apreendido. Não sabemos dos motivos que determinaram a apreensão de ontem. Mas não deixamos de protestar, em nome da liberdade de imprensa, contra a arbitrariedade policial.

“A JUSTIÇA” CONTRA A RAZÃO

Mais uma vez se reclama o immediato regresso dos deportados e a humana concessão aos presos de Monsanto de duas visitas semanais

Há cerca de duas semanas, uma comissão delegada do Conselho Jurídico da Confederação Geral do Trabalho, entregou ao secretário do ministro da Justiça uma representação reclamando, não só o immediato regresso dos indivíduos deportados na Guiné e em Cabo Verde e o seu julgamento na Metrópole, como ainda que fosse respeitado aos presos sociais que se encontram no Monsanto as prerrogativas gosadas até há pouco: o de receberem às quintas-feiras e aos domingos as suas visitas.

Os reclamantes fundamentavam a sua pretensão no facto dos deportados se encontrarem numa situação institucional, numa situação que ofende as mais elementares regras de direito jurídico. Logo a sua vinda para a Metrópole apenas faria regressar à normalidade uma situação que os ódios dos políticos do Partido Democrático fermentaram.

O segundo ponto da reclamação baseava-se também num direito. Os presos do Monsanto, por uma prerrogativa antiga, sempre receberam as suas visitas duas vezes por semana. E' uma concessão de que não podem prescindir.

Na qualidade dos presos desarranchados, isto é, sem direito à alimentação fornecida pela cadeia precisam de receber as suas visitas que são as portadoras dos viveres com que durante dias se alimentam.

Depois as visitas dos seus parentes são o maior lenitivo às dores dos pobres reclusos. Só quem ainda não sentiu a sensação da cadeia é que ignora quanto de sublime tem a visita de um amigo, de uma pessoa de família e até de um ente desconhecido. A visita leva sempre ao prisioneiro um pouco de conforto espiritual que lhe ameniza as agruras da prisão.

Temos em análise subsquente que a visita às quintas-feiras e aos domingos era uma das prerrogativas gosada há muitos anos. Porém há tempos o dr. sr. Alberto Charula, inspector das cadeias civis, entendeu que os presos não tinham direito a receber mais do que uma vez por semana, as suas visitas. E para o conseguir o dr. Charula deu uma interpretação a seu modo ao Regulamento Interno das Cadeias Civis pela qual era proscrito aos reclusos receberem mais duma vez por semana as visitas.

Devido a essa ordem do dr. Charula, as famílias dos presos arrastam-se todas as quintas-feiras, sob um calor abrazador, até ao forte do Monsanto na esperança de se avistarem com os seus.

Mas oh! triste das decepções: a ordem do dr. Charula é severamente respeitada e as desoladas famílias vêm serra abaixo clamando sua desdita.

Devido a esta situação e por o ministro da Justiça não atender a reclamação do Conselho Jurídico, um delegado deste organismo procurou ontem o dr. sr. Manuel Rodrigues Júnior a quem lembrou a representação entregue há cerca de duas semanas ao seu secretário, dr. sr. António Ribeiro.

O titular da pasta da Justiça respondeu ao representante do Conselho Jurídico que já tinha visto a representação, mas que faltava estudar os processos a fim de mandar proceder aos necessários julgamentos. Só depois de estudados esses processos e ouvidas as instancias competentes os julgamentos se poderiam realizar, disse aquele ministro.

O representante operário retorquiu-lhe que a situação dos deportados não se compadecia com esse estudo, pois o que há a fazer é reparar uma falta, e uma gravíssima falta que colide com a letra da própria Constituição.

Respeitada a lei básica da República, asseverou o delegado do Conselho Jurídico, estaria atendida a pretensão da organização operária.

Quanto às visitas aos presos de Monsanto, o dr. Manuel Rodrigues Júnior informou que tomaria immediatas providências depois de consultar as entidades competentes para que essas visitas se mantenassem como até à data da ordem do dr. Charula.

Cá ficamos aguardando que as promessas do ministro da Justiça se convertam em realidades. A situação dos deportados e dos presos não se compadecem com promessas ou com boas intenções. Se o dr. sr. Manuel Rodrigues não deseja que ao assunto dediquemos mais prosa ordene que seja reparada uma grave falta no que praticará um elemental acto de justiça.

PELOS HOSPITAIS CIVIS

Enquanto persistirem as incongruências verificadas actualmente nos serviços farmacêuticos, a Farmácia nunca poderá cumprir inteiramente a sua alta missão

Vamos entrar na farmácia dos hospitais civis de Lisboa. Da nossa digressão pelos hospitais é esta a verdade mais difícil de vencer. A farmácia conserva no seu ventre muitas matérias inflamáveis em que é perigoso tocar... A farmácia conserva ainda erecta a organização de serviços que fizeram as delicias dos nossos avós. Logo, bulir-lhe, mesmo lisonjeiramente, é correr o risco de praticar uma irreverência. Todavia...

... todavia não nos arreceia o qualificativo que possamos merecer. A farmácia tem que ser bisturiada por nós com a mesma coragem com que foram bisturiados os outros serviços. Na farmácia há incongruências que não se harmonizam com as modernas tendências dos serviços hospitalares. Dissecar essas incongruências é praticar obra meritória.

Principiaremos por referir que o regulamento dos serviços farmacêuticos procede de 1904. Todavia os serviços hospitalares, como já ficou dito, regiam-se pela Reforma Curry Cabral promulgada em 1901. Neste interregno de três anos não se assinalaram progressos. Muito pelo contrário. Algumas prerrogativas foram cerceadas ao pessoal.

A Reforma Lobo Alves veio, na verdade, marcar um progresso na farmácia dos hospitais. Em virtude do elevado espirito daquelle médico? Nem só a esse factor se deve esse progresso. O pessoal ostensivamente tomou a defesa dos pontos de vista de ordem técnica que fez introduzir na referida Reforma. E' explicam-se os porquês.

Antecedentemente a 1918 as competências centralizavam-se exclusivamente no hospital de São José. Hoje já não sucede assim. Todos os serviços estão sob a immediata responsabilidade dum farmacêutico

(chefe) e a sua falta é preenchida, por direito próprio, por um assistente (farmacêutico também).

Devido a este alargamento do quadro técnico, nota-se maior continuidade no serviço e mais brio na sua execução, que lhe permite atender rapidamente o que lhes é solicitado.

Quere dizer esta referência que os serviços farmacêuticos sejam modelares? Não, senhor. Na farmácia notam-se muitas deficiências. Mas elas são devidas à inobservância dos princípios estatuidos. Um exemplo:

A Reforma Lobo Alves criou um quadro de internos, o qual ainda não foi preenchido como era de elemental direito. Esse quadro faria adquirir novas energias e responsabilizaria quem responsabilidade pode tomar.

Depois há outras deficiências originárias nas condições de instalação da farmácia. As suas dependências são péssimas, perigosas até. No entanto a farmácia possui refeitório que é absorvido pelos doentes de 25 enfermarias. E para todo o serviço há apenas 10 empregados que em 6 horas de extenuante trabalho vencem as exigências da função que lhes está cometida.

Esta acumulação de serviços tem dado motivo a que se insinue que os serviços farmacêuticos correm à matroca. Não é assim como vamos ver.

Logo à entrada da Farmácia o receituário é verificado por um farmacêutico, executado em seguida sob a immediata observação do chefe, que se não retira sem verificar se tudo está em ordem conforme prescrição do médico. Em sua substituição entra um outro farmacêutico que só sai no dia seguinte depois de dar conta ao chefe das ocorrências da noite. Por este simples exemplo se constata que o doente partici-

lar não é melhor servido do que o doente hospitalizado.

Agora num relance vamos ver as funções de cada secção.

A 1.ª Secção do Laboratório Central é a oficina farmacêutica por excelência. Ali se deferem com carinho os cofres dos hospitais da ganância dos mercados.

Substituiu-se ali muita especialidade farmacêutica que absorvia verbas enormes, e substituiu-se evidentemente com manifesto benefício para os doentes. O pior é que as especialidades em Portugal surgem com o mesmo esforço do corpo clínico hospitalar seria mais salutar do que todas as medidas restritivas neste sentido.

A 2.ª Secção do mesmo laboratório é o laboratório de análises químicas. Ali são mais notáveis as deficiências de material. Tubos de ensaios, reagentes, balanças e pouco mais completa o pseudo-arsenal. Servida por um chefe e um preparador, a Reforma Lobo Alves permite que ali sejam colocados mais dois técnicos. E não será jamais no dia em que a Direcção Geral entender que só quem é honesto pode ser fornecedor dos hospitais...

Esta secção como está absorve bem as energias do pessoal que tem, o qual, merecido esforço de competência admirável, não deixa passar senão o que deve ser.

A 3.ª Secção do Laboratório Central, a despeito da sua especialíssima função, não possui instalações próprias. Ali se armazenam drogas para distribuir pelas farmácias, cujo movimento anual é superior a 2.000 contos. Apesar disso não possui armários, tem apenas prateleiras onde se guarda aquele valor.

Naquela secção, mereço do pouco cuidado em preencher vagas, o lugar de fiel está vago há 22 meses. O director dos serviços farmacêuticos, num gesto de invulgar abnegação, para que os outros serviços não sofram, está a substituir aquele funcionário vai para dois anos!

Detemo-nos aqui. Perccorrem outras dependências da Farmácia ou vasculhar os seus serviços seria fatigante para um artigo.

Uma zona municipal infestada por ladrões do dinheiro de operários

Ora, vamos contar aos leitores a história paralela de um capataz, de um arvorado e de dois operários do serviço higiénico de C. M. L., desse serviço higiénico municipal que traz a cidade de Lisboa cheia de lixo e de poeira, inoculando aos habitantes todos os germes de longas epidemias.

O arvorado chama-se Francisco não sabemos de que apelido. É pessoa de boas contas e faz serviço de encarregado da 10.ª zona. Encarregou-se da cobrança de cotização da Associação dos Operários Municipais e desbarvou com a quantia de 500 escudos, tirados aos operários a 50 centavos por cabeça. Graças a um amigo do Chico o papo. Pois o encarregado carregou as cadernetas dos sindicatos com o carimbo de pago e não desbarrou a cotização paga nos respectivos livros da Associação. É claro que a burla tinha de ser descoberta e foi o operário servente Bernardino Oliveira Cardoso quem a revelou.

O arvorado não gostou de que lhe cortassem cerca os rendimentos da burla e desbarrou a sua fúria sobre o justo e desasombrado acusador. O sub-director, sr. Alberto Lima, assistiu-se diante da fúria do encarregado, e lá se encarregou de despedir abruptamente o operário Bernardino Cardoso, que, além de ficar em árvore seca com a perda do lugar, anda carregado com dificuldades que seriam atenuadas com o pagamento de duas semanas de férias que a Câmara não lhe paga.

Outro caso se passou, ao mesmo tempo, nesta zona infestada de desbarvados. José Pires é capataz do mesmo serviço higiénico da 10.ª zona da Câmara Municipal de Lisboa. Tem uma taberna, a cuja frequência obriga os operários serventes, arrancando-lhes capciosamente a maior parte da fédia.

O processo é mais engenhoso que todos os pacos dos vigaristas. Depois de forçar, sob ameaças, os operários a comerem e beberem na ignóbil taberna, abusa do seu lugar de capataz, ao ter de distribuir as férias, desconta os fados sem a prévia e legítima consulta aos interessados. De modo que os infelizes operários, não tendo onde dormir, por falta de recursos, vão pernolar no pátio da zona perigosa.

Reclamou contra a ladrocinha o operário Alfredo Cardica Lambin, não estando disposto a ser roubado. Mas, como o capataz tem grande poder, pois os inspectores também vão comer à taberna, o operário Cardica foi imediatamente despedido. Para isso, aproveitaram-se os assaltantes da zona da circunstância de o Cardica estar mais de três dias em falta, por doença devidamente atestada por médicos reconhecidos. Aqui se faz, pois, a descrição sucinta do serviço de limpeza que a Câmara Municipal vem determinando para proveito dos emboscados na 10.ª zona.

Barbara agressão

Informam-nos do Hospital de São José em Alter do Chão, de onde são naturais, residentes os irmãos Luis Grazina de 28 anos, seu irmão Pedro Grazina, de 25 anos, e António Denis, de 20 anos. Entre os dois últimos, houve há tempos, por questões de trabalho, uma desordem, a qual não teve consequências de maior devido à intervenção oportuna de outros trabalhadores. Anteriormente, o Luis, encontrando-se na mesma localidade com o Denis, censurou este pelo seu procedimento para com o Pedro, dando-lhe origem a acalorada discussão entre ambos que acabou por se envolverem em desordem na qual o Luis foi ferido na cabeça com uma pedra, ficando com o crânio fracturado, e vindo o agressor em seguida a ver prostrado o seu antagonista. Ao ferido acudiram então várias pessoas, sendo-lhe naquela localidade prestados os primeiros socorros e vindo o ferido para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha o transportou ao Hospital de São José, em cujo Banco foi operado pelos drs. Luis Ottolini e Sacadura Boto, recolhendo em seguida, em estado grave, à Sala de Observações.

As cubijas coloniais

LONDRES, 6.—O primeiro ministro, respondendo a uma interpelação na Câmara dos Comuns sobre o problema dos mandatos, declarou que em Locarno foi verbalmente prometido aos delegados alemães que o seu país, quando membro da Sociedade das Nações, seria possivelmente um candidato a mandatos coloniais, como qualquer outra potência filiada na Sociedade. O sr. Baldwin afirmou ainda ser incorreto sugerir publicamente que haja sido feita qualquer promessa ou tomado compromisso com o governo alemão. (L.)

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

À MANEIRA POLACA...

O Sindicato dos Manipuladores de Pão enviou uma nota, na qual lavra o seu protesto contra a forma como o cabo de polícia que faz serviço das 13 às 17 horas, na rua Jardim do Regedor, pretende resolver a crise de trabalho.

Quando vários manipuladores de pão, ordenadamente, aguardam que os fiscais da Companhia Nacional de Alimentação respondam aos seus pedidos de colocação, o referido cabo, que tem por trabalhadores o ódio inato em mandriões, dispersa-os brutalmente, à sabrada.

O Sindicato dos Manipuladores de Pão não deixa de protestar, apesar de ignorar qual a entidade que dá tais ordens ao cabo, mas se deve atribuir-lhe as responsabilidades.

O que é certo é que o furioso cabo procura diminuir o número de operários sem trabalho por meio de agressões violentas, a exemplo do que se faz na Polónia. O critério pode, na realidade, ser muito polaco, mas é, em verdade, muito pouco humano.

RECORDANDO...

Asneiras bíblicas

II

O mesmo *Genesis*, falando do Eden, ou paraíso de delícias, onde segundo Moisés, o primeiro par humano havia sido colocado por Deus, para uma perpétua felicidade, diz que havia lá quatro rios, os quais brotavam todos duma fonte comum. Não existe notícia de rios em tais condições nos anais de toda a geografia antiga e moderna.

A *Bíblia*, nesse mesmo livro, depois de ter contado a história do pecado original, cuja análise crítica está fora do plano deste folheto, diz que a morte entrou no mundo como consequência do pecado. O estudo da geologia e da paleontologia mostram, porém, espécies de animais, que já tinham deixado de existir antes da época em que apareceu o homem.

Teriam esses animais pecado também?... Depois do pecado de Eva e Adão, Deus segundo o cronista bíblico, arrepende-se de ter criado o homem. Ora ninguém se arrepende senão quando reconhece ter procedido mal. O Deus providente e onisciente dos cristãos não tinha, pelos modos, calculado que o homem lhe saísse tão bregreiro, e, surpreendido pelo inesperado pecado, sentiu-se repeso de o ter criado!

Não é esta, porém, a única vez em que a sabedoria de Deus é apanhada em falso; porque, mais adiante, vendo crescer a iniquidade dos homens, torna a arrepender-se de os ter criado e resolve extermi-los por um dilúvio. Como tirano onipotente e irascível, mandou-nos o dilúvio; mas o espectáculo hediondo da terra submergida, dos cadáveres boiando sobre as águas causou-lhe náuseas, reflecte que o castigo foi desproporcionado ao delito, e ei-lo novamente arrependido, desta feita por ter mandado o dilúvio. Isto não é um Deus: é uma Magdala.

Arguto e trocista, no seu sermão, sobre a invasão dos holandeses na Baía, o padre António Vieira lembra com razão a este Deus volúvel que mais vale pensar primeiro do que arrepender depois, quando o mal já não tem cura.

Mais adiante, no primeiro livro dos Reis, Deus escolhe Saul para sempre como rei dos judeus. Um dia, porém, Saul esquece-se de que só Samuel tem a qualidade sacerdotal de sacrificar, e sacrifica ele mesmo ao Deus dos exércitos. E eis logo Deus arrependendo-se, por conta de Samuel, de ter escolhido Saul para rei, e deliberando despojar-lhe da Soberania!

Ora, Deus deve, para ser um Deus decente, ser inflexível nas suas opiniões. Como conciliar essa inflexibilidade com tantos arrependimentos?

Voltemos, porém, às consequências do pecado. Deus condena a serpente a andar de rastos, por ter sido sob a forma duma serpente que Satanaz conseguiu ludibriar nossa mãe Eva.

Em primeira lugar há aqui um erro jurídico, depondo contra a suprema justiça de Deus. O castigo não deve atingir senão o delinquent; e as serpentes não têm culpa de que o Diabo tenha tomado a sua forma, porque Moisés teve o desdó de as julgar os animais mais astutos da criação, coisa que a ciência hoje contesta formalmente, apresentando-nos as serpentes como sendo dos animais mais estúpidos. Em segundo lugar, sendo a serpente um reptil, como queria o Deus bíblico que ela andasse senão de rastos?...

Segundo-se na leitura do *Genesis*, vê-se que Moisés, apesar de divinamente inspirado por Deus, acreditou nesta história da carochinha: a existência de gigantes gerados pelos filhos dos deuses nos filhos dos homens... Ora, isto é, além do mais, uma afirmação politeísta, com a agravante de, à semelhança de Homero e outros fabulistas, nos apresentarem os deuses em santa pândega com as filhas da humanidade, fazendo cópula e efectuando geração!

Isto não obsta, porém, a que os autores cristãos, em todo o tempo, tenham rido muito à custa das fábulas acreditadas pelos gregos e pelos romanos.

Cito textualmente para que me não possam arguir de inventar:

"Os filhos dos deuses viram que as filhas dos homens eram belas, e tomaram por mulheres as que lhes agradaram." (*Genesis*, cap. VI). E a Igreja excomunga Tomás Moore, porque ele acreditava na sexualidade dos anjos, tendo lá entre si os seus amores e os seus actos genésicos!

Heliodoro SALGADO

Desaparecida

Procurou-nos o professor sr. Avila Fernandes, morador na rua Vinte de Abril, 91, loja, a solicitar-nos que tornemos público o desaparecimento de sua esposa Alice dos Reis Vila, de 31 anos, a qual saiu de casa no dia 4 do corrente, pelas 11 horas, não mais voltando. Os seus sinais são os seguintes: estatura mediana, cabelo louro, veste casaco comprido, castanho escuro, com meirama cinzenta, sobre blusa verde claro.

Pede a quem saiba o seu paradeiro o favor de lho comunicar para a morada acima referida.

O MÉXICO E A IGREJA

O Vaticano, agente provocador

ROMA, 6.—O cardinal Gasparri, por ordem do Pontífice, enviou aos representantes da Santa Sé no estrangeiro uma circular pedindo-lhes a sua atenção para os dolorosos factos ocorridos no México, contra a religião e religiosos católicos.

O Pontífice convida os fiéis a intensificar as suas preces pela cessação das perseguições, devendo escolher, especialmente, as cerimónias do sétimo aniversário franciscano.

A pobre, a dolorosa vítima...

ROMA, 6.—O cardinal Gasparri, sub-secretário do Estado da Santa Sé, enviou aos representantes da Santa Sé, em todas as nações, uma circular redigida em termos energéticos, onde expõe a situação dos religiosos no México.

500 pessoas mortas num terramoto

LONDRES, 6.—Segundo comunicam de Sumatra um novo e violento terramoto fez ali sentir os seus efeitos, causando elevados prejuízos e cerca de 500 vítimas.

Uma tiranida internada

ROMA, 6.—Miss Gibson, que atendeu contra a vida de Mussolini, ferindo-o, foi aternada no asilo de alienados de Roma.

Ocorrências diversas

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, António Moreira, de 29 anos, natural de Matosinhos, bombeiro municipal n.º 236, residente na rua da Academia das Ciências, 27, 1.º andar, o qual no exercício da sua actividade de uma escada de "ganchos" do esqueleto do Quartel da Avenida Presidente Wilson, ficando muito contuso pelas costas.

Na enfermaria de São Francisco, do hospital de São José, deu entrada Fidélito Augusto, de 18 anos, jornaleiro, natural de Évora e residente na rua do Chão, 5, em Extremoz, que caiu de um vagão entre Souza e Extremoz, fracturando uma perna e ficando contuso pelo corpo.

A Sala de Observações, recolheu António Domingos, de 27 anos, carregador da C. P., natural de Fornos de Algodres e residente na rua Alves Correia, 23, 1.º, que caiu pela escada da residência, ficando muito contuso pelo corpo.

Da Casa Mortuária do hospital de São José, foi ontem removido para a Morgue, a fim de lhe ser feita autópsia judicial, o cadáver de João Amaro da Graça, de 34 anos, jornaleiro, natural e residente em Saeira Grande, freguesia de A dos Negros, Obidos, o qual, como noticiámos, foi ali, no dia 29 de Junho último, agredido com um tiro de chumbo, vindo a falecer na enfermaria de Santo António, no dia 2 último.

Na Sala de Observações do Hospital de São José, faleceu a madrugada passada, pouco tempo depois de ali ter dado entrada, Francisco Agostinho, 21 anos, serralleiro, natural de Tomar e morador no Largo das Olarias 53, 4.º, o qual como noticiámos foi, no dia 4 último, agredido próximo do Depósito de Fardamentos, por um seu conhecido, que lhe vibrou um pontapé no ventre, tendo recebido tratamento naquele hospital e recolhendo a casa, onde sentindo-se piorar, resolveu recolher ao hospital.

No Instituto de Medicina Legal, foi ontem reconhecido aquele indivíduo que, há dias, foi encontrado a boiar à tona da água na doca do Cais da Arica, Chamavase Manuel Fernandes, contava 59 anos, empregado do comércio e residia no Campo das Cebolas 43, 5.º.

Deu entrada na sala de observações do hospital de São José, Maria Amélia da Conceição, 18 anos, natural do Rio de Janeiro, residente na rua dos Correios, 18, 1.º, que na mesma rua foi agredida por um desconhecido com um pontapé no ventre.

Choque violento de veículos

Do hospital de São José informam-nos que em direcção a Alges, seguia ontem de manhã, por Belém, um eléctrico, no qual servia de guarda-freio o condutor n.º 1235, Boaventura Rodrigues dos Santos, de 28 anos, natural de Oliveira de Frades, residente na Estrada de Malpique, letra G, 2.º, ao passar na Praça de Belém foi chocar, com grande violência, com um camião da Câmara Municipal que se empregava no transporte de pedra, resultando o Boaventura ficar com a perna esquerda fracturada pela coxa e José Joaquim Vital, de 63 anos, natural de Lamego, e morador na Quinta da Carapinha em Alges, passageiro do referido eléctrico, ficaram contusos nas pernas.

Transportados ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, foram ali pensados, recolhendo depois o Boaventura à enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, e seguindo o Vital para casa.

O carro que ficou bastante danificado foi rebocado para Santo Amaro.

TIVOLI

Telefone II. 5474

As 21 horas

O Abade Constantino

Adaptação cinematográfica da célebre comédia de Ludovic Halevy

Uma herança de cem milhões

Comédia em 4 partes, com Marcel Levesque

Dois documentos

Desenhos animados

Amanhã: Matinée às 3 horas

O enalhe do "Patrão Lopes"

Com respeito ao vapor "Patrão Lopes", não há notícias de ter desencalhado, estando sendo empregados todos os meios para o conseguir. A canhoneira "Raúl Cascais" seguiu para o local de enalhe a levar água para o "Patrão Lopes" e prestar-lhe todo o auxílio para o safar.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

"IDEÁRIO"

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Liberdade — Tolerância — Evolução — Revolução — Violência — Liberdade e Autoridade — Ensaio Filosófico — Itinerário — Ideias Socialistas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Potemicos — Lecturas — Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Devidos à Administração de "A BATALHA".

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Excursionista União de Vilar Seco — Convidam-se todos os sócios e conterrâneos deste Grupo a reunirem-se em assembleia geral, no próximo domingo, pelas 14 horas, na rua do Benfornoso, 50, 1.º, a fim de serem apreciados todos os assuntos respeitantes à excursão a realizar a Vilar Seco no próximo mês de agosto.

'A Batalha' na provincia e arredores

Barreiro

O regosijo do beatério

BARREIRO, 5.—Está salva a população desta vila. Vão desaparecer os pecadores. As beatas cá do burgo estão satisfeitas e vão-se consolar com as prelicas do seu novo padre que ontem tomou posse da vaga existente desde 5 de Outubro de 1910. Dizem-nos que é homem novo e vigoroso, de quem tem muito a esperar a religião católica.

As ratas de sacristia estão satisfeitas por já possuírem um confessor permanente, a quem podem oscular as divinas mãos em sinal de gratidão por lhes fazer sair o demónio do corpo, limpando-as de todos os pecados consumados e por consumir.

Terminou, para elas, o receio das faltas voluntárias e involuntárias porque a bula e a água da pia tudo fazem desaparecer.

Que Deus as console, por intermédio do seu novo padre, elevando-as ao céu beatificamente.—C.

Lamego

Movimento operário

LAMEGO, 5.—Nesta localidade existem só duas organizações sindicais: a Associação de Manufactores de Calçado e o Sindicato Unico da Construção Civil. Para uma localidade onde existem tantos ramos de actividade operária, é de lamentar a incuria, comodismo e desleixo dos operários locais.

Mesmo as duas organizações sindicais sofrem do mal latente, a indiferença, pois se não fosse a boa vontade e sacrificio de alguns membros da Associação dos Manufactores de Calçado, já há muito que este sindicato estaria morto. E para elogiar a persistência destes honrados operários que mesmo com sacrificio dos seus interesses conservam em pé um baluarte operário que tantos canceres tem causado para a sua manutenção; muito em especial devemos frisar os devotados militantes proletários Francisco Paradel e António Fonseca Ocorio, os quais têm dado à vida da Associação dos Manufactores de Calçado todo o auxilio, quer monetário, quer moral.

Do Sindicato Unico da Construção Civil muito temos a dizer, mas infelizmente não é de trabalhos em prol da causa proletária que aqui muito há que produzir, mas sim da incoerência dos membros do mesmo sindicato, para o que vamos mostrar com clareza a nossa justa accusação:

No dia 9 de Abril p. p. realizou-se aqui uma fantochada clerical-militaresca, composta de missa na Igreja da Sé e lançamento duma pedra para o monumento aos mortos da grande guerra. Para darem brilho a estas festas reaccionárias foram convidadas todas as entidades e colectividades locais e também foi dirigido convite ao Sindicato Unico da Construção Civil e Associação dos Manufactores de Calçado. Qual foi o nosso espanto, quando vimos entrar para a missa a bandeira do Sindicato Unico da Construção Civil, empunhada e ladeada por membros do mesmo sindicato e depois, na ocasião do lançamento do calhaus comemorativo, também a sua assistência foi notada entre as outras colectividades burguesas, estatais, militares e clericais.

Oh! é irrisório a imbecilidade destas criaturas que procedem incorrectamente contra as reivindicações operárias e cujas palavras não são iguais aos actos que praticam. Tudo isto é fruto da ignorância dos dirigentes do mesmo organismo, os quais terão muita boa vontade em produzir algo em favor dos oprimidos, mas não se importam em instruir-se e ilustrar-se, para não cometerem actos identicos a este.

Vendas Novas

Crise de trabalho

VENDAS NOVAS, 4.—Uma pavorosa crise de trabalho está assolando esta região, originando a miséria em muitos lares. A industria corticeira que há algum tempo aqui se desenvolveu extraordinariamente, está agora quasi totalmente paralisada, encontrando-se muitos operários desta industria sem ter onde empregar a sua actividade. As classes da construção civil, a pesar de menos numerosas, atravessam a mesma crise que se vai reflectir noutras classes, tais como as de calçado, vestuário, comércio, etc. Se outro tanto não succede actualmente na classe rural, é devido aos trabalhos forçados da época, que assim o permitem, pois que antes disso também tem sofrido crise de trabalho, devido ao grande retraimento da parte de muitos lavradores que podiam desenvolver trabalho, contribuindo assim para a abundância e consequentemente para o barateamento de muitos artigos indispensáveis à existência.

Devido ao tempo ter corrido algo acidentado para as searas, temos por esta região um ano agrícola pouco abundante, especialmente em searas de praga.

BICICLETAS

ELGIN

THOWARM

CHANDLER

RALEIGH

As melhores e mais acreditadas

marcas de bicicletas

Armando Crespo & C.

Rua do Crucifixo, 118 a 124

LISBOA

MALAS POSTAIS

Pelo paquete "Hubert" são hoje expedidas malas postais para o Pará e Manaus, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária à 1 hora da tarde e para a registada recebe-se até às 11 horas da manhã. Pelo cruzador "Adamas" também se expedem malas do correio para a Horta, efectuando-se a última tiragem às 10 horas.

A GREVE INGLESA

Buscando novas contigões

LONDRES, 6.—Os mineiros estão combinando nos vários distritos uma reunião para discutir novas condições para o regresso ao trabalho.

Os mineiros de Momouthshire têm-se manifestado descontentes com a nova lei do horário do trabalho nas minas. (L.)

Os embaraços dum idolo

LONDRES, 6.—No Congresso anual da União Nacional dos Ferrovieiros, em Weymouth, o sr. John Tomás teve hoje de responder a críticas feitas à sua atitude como membro do conselho geral do congresso dos "Trade-Unions", na recente greve geral e nos acordos após ela concluídos com as companhias.

Uma moção foi apresentada negando ao sr. Tomás a confiança dos ferroviários e pedindo a sua demissão, a qual foi rejeitada por esmagadora maioria, visto apenas seis congressistas a terem aprovado. (L.)

O último recurso

LONDRES, 6.—O governo propôs ao parlamento a abertura dum crédito de três milhões de libras para a compra de carvão estrangeiro.

Dois tiros por tróco

Nas Caldas da Rainha, à saída da estação dos caminhos de ferro, existe um estabelecimento de venda de vinhos, comidas e quartos para pernolar, pertencente a António Bernardino Cordeiro, de 53 anos, viúvo, natural da freguesia de Peral, concelho do Cadaval, e residente nas Caldas.

Anteontem, entrou naquele estabelecimento um vendedor ambulante de objectos de prata e ouro, o qual depois de ali ter feito vária despesa, deu para pagamento desta uma nota, que pouco depois afirmava ser de 10\$00, enquanto o Cordeiro asseverava só ter recebido 5\$00. Daí nasceu violenta discussão entre ambos, a meio da qual, o vendedor ambulante sacou de uma pistola que desfechou contra o proprietário do estabelecimento, indo dois dos projecteis atingi-lo nas costas e no ventre. Ao ferido acudiram várias pessoas, sendo ali prodigalizados ao Cordeiro os primeiros socorros e seguindo na madrugada passada num comboio especial para Lisboa, onde, um auto-maca da Cruz Vermelha, que o aguardava na estação do Rocio, o transportou ao Hospital de São José, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, dr. Luis Ottolini, recolhendo em seguida à Sala de Observações, onde faleceu pouco tempo depois de ali ter dado entrada. O agressor foi preso.

O cadáver foi removido ontem à tarde para o Instituto de Medicina Legal, onde hoje deve realizar-se a sua autópsia judicial.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Recêlames

A parte feminina da peça musicada "Três meninas... suas!", que vai ser representada no Ginásio, está assim distribuída: "Madame Ducros", Sofia Santos; "Lotto", Isilda de Vasconcelos; "Lucette", Julieta Soares; "Lola", Maria Alvares; "Lulu", Cinira Cruz; "Miss Tzhyre", Irene Benamor; "Mulher do Lagote", Carlota Sande; "Mulher Nua", Esmeralda; "Cosmere", Joana Moniz.

A peça "As três meninas... suas!" será apresentada a rigor e com todo o aparato que exige, não só no que se refere ao elemento artístico, como, também, na figuração, cenários e guarda roupa novo, expressamente executado.

OS QUE MORREM

Augusta dos Santos Fé

ALFARELOS, 4.—Effectuou-se o funeral da que se chamou Augusta dos Santos Fé, mãe do chefe da estação ferroviária de Formosela, nosso camarada António dos Santos Fé. Ao funeral concorreram inúmeros camaradas do entulhado, tendo havido as seguintes representações: pessoal das estações de Coimbra, Alfaiolos e Mealhada, pelos respectivos chefes; pessoal de tracção, por Manuel Oirao; pessoal de trens, António Reis Júnior; pessoal de via, por João Braz.

AGREMIÇÕES VARIAS

Liga Educativa "Os Perseverantes". — Para continuação de trabalhos, reúne amanhã, pelas 20 horas, precisas, a assembleia geral.

Grémio de fiscaes do município. — Reúne-se hoje, pelas 21 e meia horas.

Trindade

Telef. T. 976

HOJE A's 9 h 14 a's 9 h 14

O HILARIANTE

PATRIOTA

comédia em 3 actos, tradução de Lino Ferreira — Encenação da professora Lucinda Simões.

Nos principais papéis os artistas: Amélia Pereira, Erico Braga, Dinah Steinhil, Joaquim de Almada, Irene Isidro, Samuel Diniz, Seixas Pereira e Mário Santos.

Feira de Beneficencia

E' já no próximo domingo, 11, que, pelas 16 horas, se inaugura, nos jardins da Assistência Infantil da Freguesia de Santa Isabel, na Rua do Patrocinio, 5, à Estrela, a feira de beneficencia que a direcção organizou para com o seu produto obter as receitas necessárias para solver o grande deficit que a asoherba e orça já por vinte mil esc



O ensino religioso nas escolas constituiu um atentado contra a débil cerebração infantil

«Deus, afirma você, é um monossílabo maravilhoso, que em nada perturba a imaginação infantil.»

Ainda neste ponto divirjo fundamentalmente da sua opinião. Monossílabo maravilhoso em que e porquê? Tem algum som especial? É porventura mais harmonioso e mais belo que estoutros monossílabos—*mãe, luz, sol, mar?* Não é. Mais harmonioso e sentido que, por exemplo—*luar, dia, manhã, saudade?*

Trata-se, porém, de um nome próprio? Muito bem; o que dirá então de—*Maria, Bathuel, Canaan, Galaad, Cedar, Israel, Engaddi, Sinai, Jerusalem?*

Isto para não sairmos do campo bíblico, porque se nos embrenharmos pelos domínios do politeísmo, quantos monossílabos maravilhosos, quantos nomes cheios de celestial beleza e divina harmonia!

«O monossílabo Deus é belo pelo que representa e significa», dirá você. Mas, nesse caso, como classificaremos, por exemplo, a palavra *Lucifer*? O que ela nos recorda? *Lucifer* é o que leva a luz, o que ilumina, o que abre os olhos, o que nos ergue e nos redime. *Lucifer*!—o pai do sol, o que dá a claridade, o que espalha a alegria, o que faz nascer e amar, o que nos guia e que nos salva! Pois não é assim?

Ainda se você me dissesse que esse termo era belo por encarnar numa pessoa bela, por nos lembrar um objecto, um efeito ou uma causa bela, eu não discutiria.

Por exemplo: se essa palavra completar o nome de certo João inconfundível, que nos dou o *Campo de Flores e a Cartilha Maternal*, então sim, significará na verdade, alguma coisa de superior, pela bondade e pelo génio. Revestirá candura, amor, esplendor. Se a juntarmos aos nomes de Bakunine ou do patrão Joaquim Lopes, eu direi: Bela palavra que me faz lembrar almas sublimes, que muito padeceram e muito amaram.

Anteporia-a você aos nomes de Berthelot e de Pasteur a eu exclamarei enternecido: «Sublime expressão, que tanto diz!»

Mas assim, não, porque a palavra Deus, em abstracto, tirando-lhe os *Vedas* o *Gênesis* ou o *Alcorão*, não a referindo ao Ganges, ao Sinai, a Santa Kaaba, ou mesmo ao Bom Jesus, não é coisa nenhuma. E, sendo assim, ela de certo não perturba, em nada, a imaginação infantil.

Mas, onde encontrará você professor tão subtil e tão arguto que saiba explicar e fazer compreender a uma criança o significado de Deus, sem que daí resultem graves contradições e embargos? Onde existirá já mais o profeta que nos falasse em Deus, sem o trazer, ao mesmo tempo, às contingências deste mundo? Qual foi o teólogo ou filósofo espiritualista, que querendo alhear Deus a tudo quanto seja material e transitório, não caísse com ele no profundo, incomensurável abismo da metafísica, donde têm saído também muita incongruência e muita confusão?

Aprendamos, portanto, na experiência dos que erraram. Sejamos positivos. Eu, amanhã, seu discípulo convicto, vou dar uma lição a crianças, não direi já de uma classe primária, mas do 3.º ou 4.º ano dos liceus. No programa do compêndio aprovado surge o termo em litúrgia. E logo, naturalmente, este diálogo:

Aluno — Deus: o que é?

Professor — Uma palavra maravilhosa. Significa o espírito religioso da Humanidade, aquilo que em si reúne toda a bondade e perfeição—o Absoluto (*Concentração da parte da criança, que procura entender. Os seus olhos, inquietos, indicam-me, porém, que não foi compreendido*). Vou procurar ser mais claro. Deus é o Todo, o Universal, o Necessário. É a ausência de limites no perfeito, a essência da substância, a causalidade suma, o grande Ser, enfim.

A — E que figura tem?

P — Não tem figura. É só espírito.

A — Não compreendo.

P — Pois é bem claro. Deus é o absoluto do ser, o absoluto da causa, que vive em si e por si, no infinito do tempo e do espaço.

A — Então é uma coisa que existe, que vive e que nós podemos sentir, não é assim?

P — E não é. É certo que existe, mas nós não o podemos sentir, como também não podemos sentir a bondade, a justiça, a verdade.

A — Mas sentimos as pessoas em quem essas qualidades e virtudes se observam.

P — Eu não fui ainda bem explícito. Deus... é o sentimento moral, a beleza interior das almas, aquilo que faz os santos e os mártires.

A — Mas se é isso, para que o escrevem com letra maiúscula?

P — Escreve-se assim por convenção. Mas não é uma entidade, é como direi, um sentimento, um ideal. É o amor, a virtude, a beleza.

A — Mas, sendo assim, para que se lhe dá de chamar Deus e não beleza, amor, virtude?

Como continuaria você este diálogo, de maneira a fazer compreender a sua ideia? Eu declaro-lhe que preferia não ter começado; mas, tendo-o feito, um único caminho me restaria: mudar de assunto, para não ser emburrado pelo meu educando que, neste debate, acabaria por formular raciocínios mais claros que os meus e por tirar conclusões incomparavelmente mais lógicas e mais precisas que as minhas. E porquê? Porque as crianças não são como nós, que nos servimos, muita vez, das palavras, para fazermos derivar o nosso pensamento para um determinado fim que nos convém, porque atinge certo ponto de vista. As crianças pensam em linha recta, é certo; mas, por isso mesmo as suas conclusões são claras e são lógicas, em relação ao objecto que lhes foi apresentado. Fala-se-lhes em Deus, espírito incriado e criador. O que vêem elas? Um símbolo? Um princípio? Uma ideia? Não vêem simplesmente um indivíduo. Pode lá haver criança, por mais viva e precoce, que acompanhe o raciocínio de um metafísico sobre a essência de Deus? Não é possível. Porquê? Porque a criança só faz ideia de Deus, só compreende

Deus desde que lhe dêem uma forma, desde que o animem com a vida material e o lancem ao mundo, com movimento e acção. Mas movimento e acção compatíveis com o ideal humano.

Quere ouvir?

J. estudante do liceu, 13 anos. Conhece Deus pelos livros e pelas conversas de pessoas com quem fala.

T. aluno da 3.ª classe primária; 8 anos. Não tem instrução religiosa.

Pedi a J. para interrogar, em conversa, muito à vontade, o seu amigo T. acerca de Deus, estando eu de largo, observando. Eis o que se passou:

J. — Que é Deus, sabes?

T. — É uma coisa de gesso, de madeira ou de cortiça, e depois pintada. (*Averigüei que esta criança tinha visto, numa sacristia, várias imagens e, entre elas, uma feita de cortiça*).

J. — Isso são santos. Deus é um senhor que vive no céu.

T. — No céu? Se ele lá estivesse, caía cá em baixo.

J. — Isso caía ele. Pois tu não sabes que é ele quem manda em tudo?

T. — Aí manda em tudo? Então manda também neste copo? posso atirar com ele?

J. — Que lhe segura rapidamente a mão, onde tem o copo. Tu não sabes nada. Deus é aquilo que cria tudo.

T. — Então é o sol!

J. — Não. Deus é outra coisa. E o que manda na religião? Pois por que falam nele os padres?

T. — Porque não estão bons do miolo.

Vai o diálogo com todo o pitoresco da forma em que foi ouvido. Se você duvidar da veracidade de semelhante sabinia, não tenho dúvida alguma em lhe apresentar os dois *filhos*, para que os ouça e com eles continue a discussão.

Agora pergunto:—Estas coisas indefiníveis, misteriosas, prevenidas pelo professor ou impostas pelo catequista não perturbam a imaginação infantil? Oh! se perturbam! Quer sejam ensinadas para tornar a criança indiferente, quer para levar o seu espírito ao misticismo, à religiosidade sectarista, não podem deixá-la indiferente.

No primeiro caso, a criança terá de raciocinar sobre o motivo por que desejam que ela se conserve alheia aos deuses e aos seus mistérios, à religião, a seus preceitos, e isso, creia, há de perturbar, há de agitar o seu entendimento. São coisas interessantes, são novidades. Ela fica pensando...

Se desejam, porém, iniciá-la nos mistérios divinos, fazê-la cristã, budista, fetichista ou maometana, nesse caso têm de predispor-lhe a inteligência com um sem número de pretensos efeitos de que ela nunca poderá conhecer as causas. Ver-se há na necessidade de lhe falar em coisas maravilhosas, que na vida real jamais poderão observar-se, precisamente por que estão fora do alcance dos sentidos, fora da inteligência e da razão. E, sendo assim, como não poderá deixar de ser, eu pergunto de novo: não será isto perturbar a inteligência em formação? Respondam todos aqueles que, como você, conhecem a insaciável, a infinita curiosidade dessa primeira infância.

Tomás da FONSECA

Os ferroviários do Sul e Sueste defendem-se

Pela Comissão Delegada dos Ferroviários do Sul e Sueste, a propósito duma manobra urdida pelos três engenheiros separados dos serviços daqueles caminhos de ferro, vem de ser distribuído à classe o seguinte manifesto:

«Alguns agentes superiores dos vários serviços do Sul e Sueste, estão fazendo circular umas listas pretendendo colher assinaturas do pessoal, pedindo o regresso de Plínio Silva, Pinto Teixeira e José de Jesus Pires, listas ligadas a uma mensagem onde se citam greves e outras faltas e onde se aplaudem as violências cometidas por esses engenheiros contra o pessoal.

Esse trabalho de ataque contra os interesses de uma classe, está sendo secundado por alguns indivíduos sem moral e por outros que dependeram sempre dos favores e da protecção dos engenheiros em questão.

Avizem-se todos os ferroviários do facto, a fim de os seus nomes não servirem para interesses pessoais. Recusem-se as assinaturas a esses papéis sujos que por aí circulam e que constituem um atentado contra a classe, repudiando-se as manobras dos indivíduos tão pessoalmente interessados na vida dos perseguidores da classe e que foram os autores de todos os cortes de regalias e direitos conquistados.

Os agentes superiores não têm o direito de tomarem parte nessa farça, exigindo do pessoal assinaturas, porque a sua função profissional não é essa. O pessoal que o não queira fazer deve recusar as suas assinaturas, mesmo aos agentes superiores.

Dentro de alguns dias, será iniciada pelo Sindicato, a manifestação colectiva de todo o pessoal sindicalizado ou não, por escrito, sobre esta questão, para, de facto e de verdade, ficar definitivamente assente que a classe ferroviária do Sul e Sueste está incompatibilizada moral e materialmente com os três já citados engenheiros.

E' preciso que se prove que a maioria absoluta do pessoal do Sul e Sueste:

Tem consciência e repudia as manobras desse reduziíssimo número de ferroviários—sem vergonha—que neste momento gravíssimo atentam contra a dignidade duma classe a que infelizmente pertencem.»

Deus adere ao bolchevismo?

MOSCOVIA, 6.—Afirma-se terem sido reatadas as relações entre os Soviéticos e o Vaticano.

AS GREVES

Fogoeiros e maquinistas dos carcos americanos do industrial Fialho

PORTIMÃO, 4. — Da grande crise de trabalho que tem assolado toda a província do Algarve se têm servido os industriais e armadores, para fazerem reduções de salário e aumentarem as horas de trabalho. Um dos que mais têm reduzido o salário aos seus operários é o grande industrial algarvio, João António Judice Fialho, que é denominado o «Rei do Algarve»; pois este senhor que melhor seria denominá-lo o Tirano do Algarve, atirou, como já foi dito pela *Batalha*, com milhares de criaturas para a miséria; os que ficaram, tiveram que sofrer uma baixa de salários ou redução de dias de trabalho. Ultimamente sofreram redução nos seus salários, os homens que trabalham nas descargas do sr. Fialho; o pessoal dos carcos sofreu também uma redução de 2500 nos seus magros salários que, de 7900, passou a 5500.

Têm sofrido estes párias as reduções que lhes têm imposto, quasi que sem um queixume. Já assim não sucedeu com o pessoal de fogo e máquinas, que ameaçado com uma redução nos seus já exíguos salários se revoltou lançando-se num movimento de protesto. O movimento, é bom frisar, foi originado pela falta de brio do encarregado-chefe das máquinas, sr. Carvalho. Mas como até agora não nos foi possível colher certos informes que são necessários para esclarecimento do público, vamos-nos informar e depois melhor informaremos.

Daqui incitamos a todos os que se lançaram no movimento, para que se não rendam enquanto justiça não lhes seja feita. A seu lado estão todos os que sentem o peso do despotismo do sr. Fialho e o dos seus lugares-tenentes.—C.

O conflito a bordo do vapor «Nyassa»

Reüniu-se em assembleia geral o Sindicato do Pessoal de Cámaras a-fim de apreciar o conflito existente a bordo do vapor *Nyassa*. Verberou-se indignadamente o procedimento de todos os que se prestaram ao papel de traidores, protestando de igual forma contra a parcialidade da Capitania facilitando à Companhia todos os meios, ainda os mais ilegais. Resolveu-se manter o mesmo serviço de embarques e na volta do *Nyassa* fazer desembarcar todos os tripulantes que não sejam sindicados, inclusive os sete «amarelos» que já foram eliminados de sócios. Por fim foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª Repudiarmos enérgicamente a atitude de todos os miseráveis que contribuíram para esta situação, prestando-se ao repugnante papel de traidores, especializando todos aqueles que eram sócios do Sindicato, por lhes caber maior responsabilidade.

2.ª Encarregar a comissão administrativa de, no mais curto espaço de tempo, apresentar numa assembleia geral da classe os nomes de todos os sócios do Sindicato que prevaricaram, acompanhados de todas as informações colhidas da sua nefasta obra, a-fim de se proceder como for de justiça.

3.ª Que sejam imediatamente eliminados de sócios os seguintes indivíduos, por estar provada a sua traição: Cândida Botelho, Artur Fernandes, Manuel Valera, Pedro Ribeiro de Almeida, Salvador Gaspar, José da Costa, António Amodeo e Amândio Rezende.

4.ª Dar conhecimento a todos os sindicatos marítimos de longo curso do conteúdo desta moção.

5.ª Que se dê a maior publicidade aos nomes dos indivíduos expulsos e quais os motivos que levaram o Sindicato a proceder assim.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$000.

Encadernação (por capas e índice), 20\$000.

Capas e índice em separado, 15\$000.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, a administração de *A Batalha*.

EM VIANA DO CASTELO

Uma explosão numa fábrica de fogos de artifício põe em perigo a vida de algumas crianças

VIANA DO CASTELO, 5. — Pouco depois das onze horas da tarde foi alarmada pela onza toque de sino dando sinal de fogo.

Na fábrica de fogos de José da Costa, no lugar de Abelhêira, na ocasião em que carregavam um tiro, deu-se uma explosão que, não causando estragos de maior na dependência da fábrica em que o caso se deu, causou seis vítimas, das quais três menores que não dão a menor esperança de salvação.

Junto do Hospital da Misericórdia, à medida que os automóveis que conduziam as vítimas chegavam, a multidão aumentava e, os que mais perto se encontravam, horrorizavam-se em face daqueles pequenos corpos negros, chamuscados, largando o pele precisamente na idade em que deviam frequentar a escola.

Para que serve neste país a lei de protecção aos menores e como admitir que, numa indústria perigosíssima, se empreguem crianças quando todo o cuidado dos homens é pouco e, muitas vezes, não obsta a que os desastres se deem como aconteceu há quatro anos na fábrica dos Silvas?

Nessa indústria mortífera, em que os proprietários tiram lucros fabulosos, os salários são vergonhosos e, mesmo assim, para melhor resultado dos donos, empregam-se mulheres e crianças. E assim: continuará...

Um governo socialista falido porque não soube vencer a resistência operária nem a ganância dos capitalistas

ESTOCOLMO.—No dia 1 de junho caiu o ministério Sandler, o terceiro ministério da Social Democracia sueca, depois de 1917. A crise de trabalho foi a causa primária deste revés político, que teve as mesmas características daquelloutro revés que Branting sofreu em 1923.

Durante estes dois últimos anos de governo social-democrata, a classe operária nenhum benefício obteve, pois a sua situação económica se agravou sempre. As reformas que proclamou necessárias nos seus comícios, não conseguiram os sociais-democratas efectivá-las com o inteiro exercício do poder. A fleuma dos nórdicos também se altera e, por isso, é que a oposição ao governo Sandler foi-se propagando por todo o movimento operário.

Os social-democratas sentiram fugir-lhes a popularidade e Sandler decidiu-se a uma categórica atitude em face do operariado. Errou, e outra coisa não poderia fazer, ao tentar diminuir a crise do trabalho; não podendo transformar cada desempregado em fura-greves, viu na sua imediata demissão a única saída.

Agora, está no poder o partido popular dos livre-pensadores, com Eckmann à frente. A vida do novo governo tem de ser inevitavelmente muito precária, porquanto, é diminuíssima a sua força partidária e o seu partido tem raros representantes no Parlamento.

Vai ao poder um partido que tem no seu programa medidas de perseguição e negação de direitos operários, num momento em que a agitação e a oposição das classes operárias refinam até à acuidade.

E' certo que o novo governo de populares livre-pensadores procura apoiar-se nos conservadores, mas, nesta hipótese mesmo, ficará limitado aquela inação que torturou o ministério do sr. Sandler. Qualquer que fosse a sua actividade, o novo governo teria de conceder e transigir perante a classe operária, cuja força de opinião é muito mais incisiva e unânime que a dos conservadores e a dos democratas.

Resenha da actual situação sueca

Na política sueca há duas grandes forças antagónicas: conservadores e social-democratas. As eleições de 1924 deram a estes últimos 104 lugares no Parlamento, contra outros 126 distribuídos pelos adversários.

Branting, então, depois de obter o apoio do partido popular de livre-pensadores, assim conseguindo maioria parlamentar, pôde formar um governo inteiramente social-democrata. Mas este governo tinha sempre uma problemática maioria no Parlamento. E aconteceu-lhe o mesmo que a todos os governos que se apoiaram em minorias camarárias: foi dominado por um partido estranho, o partido dos livre-pensadores, que ditava imperativamente a sua

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Resenha da actual situação sueca

Um governo socialista falido porque não soube vencer a resistência operária nem a ganância dos capitalistas

ESTOCOLMO.—No dia 1 de junho caiu o ministério Sandler, o terceiro ministério da Social Democracia sueca, depois de 1917. A crise de trabalho foi a causa primária deste revés político, que teve as mesmas características daquelloutro revés que Branting sofreu em 1923.

Durante estes dois últimos anos de governo social-democrata, a classe operária nenhum benefício obteve, pois a sua situação económica se agravou sempre. As reformas que proclamou necessárias nos seus comícios, não conseguiram os sociais-democratas efectivá-las com o inteiro exercício do poder. A fleuma dos nórdicos também se altera e, por isso, é que a oposição ao governo Sandler foi-se propagando por todo o movimento operário.

Os social-democratas sentiram fugir-lhes a popularidade e Sandler decidiu-se a uma categórica atitude em face do operariado. Errou, e outra coisa não poderia fazer, ao tentar diminuir a crise do trabalho; não podendo transformar cada desempregado em fura-greves, viu na sua imediata demissão a única saída.

Agora, está no poder o partido popular dos livre-pensadores, com Eckmann à frente. A vida do novo governo tem de ser inevitavelmente muito precária, porquanto, é diminuíssima a sua força partidária e o seu partido tem raros representantes no Parlamento.

Vai ao poder um partido que tem no seu programa medidas de perseguição e negação de direitos operários, num momento em que a agitação e a oposição das classes operárias refinam até à acuidade.

E' certo que o novo governo de populares livre-pensadores procura apoiar-se nos conservadores, mas, nesta hipótese mesmo, ficará